

O PROFISSIONAL PRETO NO TELEJORNALISMO: UM RECORTE NO TELEJORNALISMO NO VALE DO PARAÍBA

Daniel de Santana Alves¹, Vania Braz de Oliveira².

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, dansantana.99@gmail.com, vaniajor@univap.br.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar e destacar se há um protagonismo de profissionais pretos, entre retintos e pardos, nos telejornais de emissoras nacionais, abertas e fechadas, e as afiliadas regionais dos canais abertos, em especial na região do Vale do Paraíba. O desenvolvimento do projeto se dá pela inquietude fruto das perguntas: Quais os espaços que os jornalistas pretos ocupam nas emissoras de televisão no Brasil? Há oportunidades promocionais nestas emissoras televisivas para jornalistas pretos? Frente às questões, foram iniciadas as pesquisas bibliográfica e documental em busca de dados para embasar o referencial, em seguida foram identificados os principais telejornais das onze emissoras selecionadas (Band, Globo, Record, SBT, TV Brasil, TV Cultura, Band News, CNN Brasil, GloboNews, Jovem Pan News e Record News) e os jornalistas que as representam no quadro de âncoras, enfatizando se há profissionais pretos ocupando tal posição e, se não há, quais os principais motivos para tal situação.

Palavras-chave: Diversidade Racial. Jornalismo. Profissionais Pretos. Telejornalismo.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação.

Introdução

A diversidade racial no Brasil é um dos assuntos de maior interesse para estudos e pesquisa, além de pautar extensos debates nos mais diversos setores da sociedade brasileira. O país é formado majoritariamente por pessoas pretas, englobando retintas e pardas. O Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), aponta que atualmente 122,7 milhões de brasileiros se enquadram nesta definição, enquanto que 88,2 milhões se autodeclararam brancos e cerca de 2,5 milhões se dividiram entre indígena e amarelos. Iniciativas governamentais e da sociedade civil a partir dos movimentos sociais para a inclusão de pessoas pretas nas oportunidades do mercado de trabalho se transformaram em leis de amparo e de fiscalização para que a igualdade racial pudesse ser alcançada e mantida no país.

O jornalismo não foge desta perspectiva de análise sobre a representatividade e o papel que um profissional preto assume nas mais variadas funções do ramo e no telejornalismo esta percepção se realça ainda mais. Quando o recorte racial é direcionado para a área da Comunicação, profissionais pretos recorrentemente relatam dificuldades em alavancar suas carreiras por falta de oportunidades. Segundo o estudo “Perfil Racial da Imprensa Brasileira”, divulgado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em 2021, cerca de 98% deles já relataram tal ocorrência no Brasil.

Diante disso, o artigo buscará em um recorte, compreender as razões para os desafios vivenciados por jornalistas pretos não apenas existirem, como também persistirem mesmo com as mais variadas práticas internacionais e a demanda por uma visibilidade inclusiva e diversa nos espaços midiáticos clamando o oposto, sobretudo na televisão, exemplificando a discussão com os casos regionais do Vale do Paraíba, interior do estado de São Paulo.

Metodologia

Uma pesquisa quantitativa foi usada para selecionar jornalistas pretos que cumprem a função de âncora nos canais abertos de maior audiência na televisão, uma seleção de canais fechados no âmbito nacional e as afiliadas da rede aberta na região do Vale do Paraíba, em São Paulo. O método qualitativo foi utilizado para analisar a participação dos profissionais pretos no telejornalismo do Brasil, além do

impacto que o racismo estrutural pode ter causado na vivência desses profissionais no desenvolvimento de suas carreiras. O estudo também consistiu em um embasamento teórico a partir de uma revisão bibliográfica, composta por Cíntia Albuquerque, Claudia Acevedo, Glaucy Ribeiro, Luiz Trindade, Silvio Almeida e Valter França.

Resultados

Para analisar as problemáticas raciais da formação social brasileira, não se pode descartar o processo histórico do racismo, pois ele não pode ser medido apenas pela ótica política e econômica, a maneira como a sociedade brasileira foi organizada a partir do processo de colonização também importa (Almeida, 2019). E tal formação foi marcada por exclusão e violência, desde o genocídio indígena até o início da escravização do povo africano realizados pelos colonizadores portugueses durante o século XVI. Durante quase trezentos anos o Brasil se desenvolveu com base nessa lógica, ou seja, as sequelas deixadas após esse período sombrio repercutem e são sentidas até os dias de hoje em todos os setores da sociedade, um deles o jornalismo nacional, em que pessoas pretas são invisibilizadas pela falta de representatividade na profissão e na forma como o noticiário aborda temas raciais.

O estudo “Perfil Racial da Imprensa Brasileira”, feito em 2021 pela editora Jornalistas & Cia em parceria com o Portal dos Jornalistas, o Instituto CORDA e a empresa l'MAX trouxe dados a partir de entrevistas com profissionais do jornalismo nacional. Na identificação racial, 20,1% dos entrevistados disseram ser pretos, sendo retintos ou pardos, com uma expressiva maioria declarando ser branca, 77,6% das pessoas que participaram da pesquisa. Além disso, entre os 1.962 jornalistas selecionados pelo estudo, a taxa de ocupação de indivíduos brancos na posição de gerência nas redações nacionais foi de 61,8%, enquanto que a ocupação operacional destes mesmos lugares era preenchida majoritariamente por profissionais pretos, cerca de 60,2%. Com isso, a pesquisa mostrou uma disparidade não apenas na empregabilidade, como também na remuneração entre os recortes raciais na imprensa brasileira em detrimento das pessoas que se declararam pretas.

Ou seja, a seleção de conteúdos e da forma como eles serão exibidos passa, necessariamente, pelas suas experiências pessoais. E estes dois pontos do debate são os principais problemas que justificam a ausência do negro no telejornalismo. Em primeiro lugar, devido à preocupação com a estética e com a aceitação do público, que impede o acesso do negro ao processo de produção da notícia. Em segundo lugar, devido à origem, posição e situação de classe dos profissionais responsáveis pelo conteúdo jornalístico que, não raro, estão completamente alheios à realidade cotidiana dos negros, que assim são afastados das redações e ficam alijados do combate à linguagem distorcida e de toda manipulação que é feita por meia da palavra. (França, 2006, p. 22-23)

A história do telejornalismo no país começou nos anos cinquenta, com a criação do programa “Imagens do Dia”, da PRF-3 TV Difusora, a primeira emissora de televisão do Brasil. Depois disso, o formato foi popularizado com os programas “Repórter Esso”, da TV Tupi, em 1953, e “Jornal Nacional”, da Globo, em 1969. Desde então, as emissoras abertas e fechadas investiram cada vez mais em seus telejornais e no quadro de jornalistas que os compunham. Segundo o Kantar Media Ibope, as principais emissoras de televisão aberta, em termos de audiência, são Globo, Record, SBT e a Band. Após a análise dos seus telejornais diários de maior audiência (“Jornal Nacional”, “Jornal da Record”, “SBT Brasil” e “Jornal da Band”), os canais apresentaram apenas jornalistas brancos, exercendo a função de âncora de maneira titular. O telejornal “Fantástico”, exibido aos domingos pela Globo no horário noturno, apesar de ser semanal é um dos que detém a maior audiência do país. Nele, Maju Coutinho, profissional preta, cumpre o papel de apresentação ao lado de Poliana Abritta, sendo assim, essas informações justificam a sua inclusão neste estudo.

Quando o recorte passa para os programas jornalísticos de maior audiência nos canais de televisão fechada, em destaque estão GloboNews, Jovem Pan News, CNN Brasil, Record News e BandNews. Entre os principais telejornais diários na programação, Aline Midlej (“Jornal Das Dez”, da GloboNews) e Livia Zanolini (“Jornal Jovem Pan”, da Jovem Pan News) são as únicas pessoas pretas na função de âncora. Ao todo, foram analisados onze canais de televisão aberta e fechada, buscando jornalistas pretos compondo o quadro de âncoras no telejornalismo nacional. A TV Brasil e a TV Cultura foram

acrescidas pela atuação histórica de Joyce Ribeiro no jornalismo televisivo do país e após a recente saída de Luciana Barreto, também preta, da CNN Brasil, ingressando no novo canal e começando a apresentar no horário da tarde.

Percebe-se que no panorama nacional a porcentagem de pessoas pretas ocupando a função de âncoras nos programas jornalísticos de maior audiência ainda é ínfimo, tendo como exemplos identificados cinco pessoas titulares e seis eventuais. Como se pode ver na Tabela 1, a Globo é quem possui a maior parcela de profissionais titulares (40%) e a Record detém a maior porcentagem de jornalistas pretos que são eventuais (50%). Além disso, as emissoras TV Brasil, TV Cultura e Jovem Pan News apresentam apenas um profissional como titular em seus programas. Já a Band, apesar de ter os mesmos números que as três emissoras anteriores, a única jornalista preta identificada foi a Cynthia Martins, uma âncora eventual. Não foram identificadas pessoas pretas nos principais telejornais (da tarde ou da noite) da Band News, CNN Brasil, Record News e do SBT. No total, a Globo liderou o número de profissionais pretos em seus principais telejornais, com 36,3%, Record ficou com 27,3%, Band, Jovem Pan News, TV Brasil e a TV Cultura somaram 9,1% e as emissoras restantes com 0%.

Tabela 1: Telejornais nacionais com apresentação titular ou eventual de jornalistas pretos

Emissora	Programa	Horário	Profissionais	Titulares	Eventuais	Total
Globo	Jornal Nacional	20:30	Heraldo Pereira e Márcio Bonfim	-	02	04
	Fantástico	20:30	Maria Júlia Coutinho	01	-	
GloboNews	Jornal Das Dez	22:00	Aline Midlej	01	-	
Record	Jornal da Record	19:55	Gabriela Dias, Luiz Fara e Salcy Lima	-	03	03
Band	Jornal da Band	19:20	Cynthia Martins	-	01	01
Jovem Pan News	Jornal Jovem Pan	21:00	Livia Zanolini	01	-	01
TV Brasil	Repórter Brasil Tarde	13:00	Luciana Barreto	01	-	01
TV Cultura	Jornal da Tarde	12:00	Joyce Ribeiro	01	-	01
Band News	-	-	-	-	-	00
CNN Brasil	-	-	-	-	-	00
Record News	-	-	-	-	-	00
SBT	-	-	-	-	-	00

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Isto significa que a estética predominante dos telejornais composta por apresentadores e jornalistas brancos, aliados ao modelo de repetição adotado pelas emissoras e grandes índices de audiência, contribuem para a geração de uma percepção de enorme invisibilidade social de profissionais de outras origens étnicas, sobretudo afro-descendentes. (Acevedo e Trindade, 2011, p. 97)

No Vale do Paraíba, em São Paulo, as afiliadas das principais emissoras de televisão do Brasil foram “TV Vanguarda” (Globo), “TV Band Vale” (Band), “TV Thathi” (SBT) e “Record Litoral e Vale” (Record). Foram pesquisados para fazer o recorte regional os principais telejornais da manhã e da noite de cada afiliada. Neste sentido, foram selecionados oito programas: o “Link Vanguarda”, “Jornal Vanguarda”, “Band Cidade”, “Vale Urgente”, “Hora do Vale”, “Jornal da TV Thathi”, “Balanço Geral Vale” e o “SP Record”.

No cenário do interior paulista, houve apenas um caso encontrado em que um profissional preto, englobando retintos e pardos, ocupou a função de âncora de forma titular ou eventual, sendo a Daniela Lopes, da “TV Vanguarda” (Globo). A jornalista apresenta de forma titular os dois telejornais analisados da afiliada da Globo.

Notou-se que a “TV Vanguarda” (Globo) possui mais jornalistas da região nos telejornais pesquisados, com quatro profissionais, seguida pela “TV Band Vale” (Band), que apresentou três. Já as demais emissoras apresentaram dois profissionais, um para cada telejornal (da manhã e da noite).

No quadro geral de onze jornalistas atuando na função de âncora nos telejornais do Vale do Paraíba, 90,9% são brancos, com a única profissional registrada neste estudo, Daniela Lopes, obtendo o valor percentual de 9,1% frente aos demais profissionais identificados. Além disso, a jornalista é a única pessoa preta identificada entre os programas jornalísticos pesquisados.

A Tabela 2 mostra a Globo, líder de audiência no Brasil, como a única emissora que possui uma pessoa preta em um de seus principais telejornais regionais no interior paulista, mesmo o Vale do Paraíba fazendo parte da Grande São Paulo, o maior mercado para empresas televisivas do país, segundo o Kantar Ibope Media. Sendo assim, é certo dizer que falta uma política de contratação mais inclusiva no quadro jornalístico televisivo das emissoras com afiliadas sediadas em cidades do Vale Paraíba.

Tabela 2: Recorte racial dos jornalistas que apresentam os telejornais regionais do Vale do Paraíba

Emissora/ Afiliada	Programa	Horário	Profissionais	Titulares Branco	Eventuais Branco	Titulares Pretos	Eventuais Pretos
TV Vanguarda (Globo)	Link Vanguarda	11:45	Daniela Lopes, Rogério Corrêa e Talita França	03	-	-	01
	Jornal Vanguarda	19:15	Ademir Ribeiro				
TV Band Vale (Band)	Band Cidade	12:30 e 18:50	Caroline Rossasi e Otávio Baldim	03	-	-	-
	Vale Urgente	16:00	Cláudio Nicolini				
TV Thathi (SBT)	Hora do Vale	11:30	Marcela Mesquita	02	-	-	-
	Jornal da TV Thathi	19:20	Gabriela Leite				
Record Litoral e Vale (Record)	Balanço Geral Vale	13:15	Leandro Vaz	02	-	-	-
	SP Record	18:50	Valéria Chagas				

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Neste contexto, os veículos deixam de ser cobrados no sentido de representar a diversidade racial de nosso país alegando que isto já é fato considerando o emprego de pessoas negras em suas empresas. Mas isto pode e deve ser questionado na medida em que, mesmo tendo profissionais negros em suas listas de empregados, esta porcentagem não corresponde ao número real de negros de nossa sociedade. (Ribeiro, 2004, p. 62)

Embora o resultado da representatividade racial nos programas jornalísticos da região tenha sido negativo, vale destacar o pioneirismo e protagonismo de Daniela Lopes, da “TV Vanguarda” (Globo) no telejornalismo do Vale do Paraíba, tendo a responsabilidade de carregar a árdua tarefa de trabalhar dentro de um contexto social em que pessoas pretas como ela não possuem espaço no jornalismo televisivo para serem âncoras.

Discussão

O IBGE aponta que a maioria da população brasileira é preta, contabilizando retintos e pardos, contudo os caminhos para que um jornalista enquadrado nesta definição alcance posições relevantes no setor jornalístico são tortuosos. Esse problema não é apenas no telejornalismo, já que profissionais pretos representam menos de 1/3 das redações do Brasil, como aponta o estudo “Perfil do Jornalista Brasileiro”, lançado em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A disparidade racial no mercado de trabalho jornalístico é o cerne do problema da sub-representatividade retratada neste artigo, já que profissionais pretos não conseguem ter espaço nos principais veículos de comunicação do país.

A pesquisa “Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?”, publicada em 2023 pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA), que atua na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), fez um levantamento do recorte racial em três dos

jornais impressos de maior veiculação do Brasil: O Globo, Estadão e Folha de São Paulo. Nela foi possível se observar que o maior índice de profissionais pretos contratados chegou a míseros 11,6% (O Globo) e o menor 6,1% (Estadão). A Folha de São Paulo registrou um percentual de apenas 10,6%. Em contrapartida, a média geral de pessoas brancas contratadas por essas empresas alcançou um patamar de 84,4%. Tais dados apontam para uma inviabilização da produção de notícias voltada para a maior parte do povo brasileiro.

Existem afro-brasileiros no mercado de trabalho jornalístico. Se eles não estão ocupando os lugares na TV, deduz-se que esse meio continua com o padrão de beleza europeizante. E, quando a exceção acontece e o profissional negro consegue uma ocupação de destaque no telejornal, muitas vezes esse fenômeno ocorre para simular uma falsa democracia racial brasileira. Ou seja, transmite-se a ideia de que a TV é um lugar de todos. (Albuquerque, 2016, p. 58)

De acordo com a pesquisa do GEMAA, o perfil que o mercado jornalístico tem atualmente é de um homem branco. O cenário do Vale do Paraíba também é de incompatibilidade entre o número dos cidadãos pretos e sua representatividade na televisão. A população preta no território paulista é de cerca de 883 mil pessoas, o equivalente a 35% dos 2,5 milhões de habitantes no total, segundo o Censo 2022 do IBGE, porém com apenas uma profissional atuante nos jornais televisivos que cobrem a região valeparaibana como mostrado anteriormente.

Conclusão

Diante de todo o panorama analisado, se conclui que há um ciclo vicioso de falta de oportunidades para a população preta no jornalismo e o fator educacional também contribui significativamente para essa questão. O número de estudantes pretos que estão nas universidades no Brasil apresentou queda de 2022 para 2023, segundo a PNAD Educação divulgada pelo IBGE, caindo de 50,3% para 47,8%. Sendo assim, para quebrar essa sucessão de etapas de desigualdade, é necessário a reafirmação de políticas públicas raciais no âmbito público e privado da sociedade brasileira, com o Estado trabalhando ativamente para garantir a educação das pessoas pretas e as empresas incluindo de forma mais ampla estes profissionais em seus quadros de jornalistas. Falta também uma ação mais eficaz da própria categoria profissional frente a este panorama, não só na região como em caráter nacional.

Referências

ACEVEDO, Claudia; TRINDADE, Luiz Valério. **Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros**. Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política, Volume/Número/Paginação/Ano, v. 11, n. 22, p. 90-108, 2011.

ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

FRANÇA, Valter. **Onde estão os negros no telejornalismo: estratégias para o apagamento do preconceito racial no trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINAR DA AÇÃO AFIRMATIVA. **Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?** Disponível em: <https://gemaa.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/21-raca-genero-e-imprensa-quem-escreve-nos-principais-quem-escreve-nos-principais-jornais-do-brasil/>. Acesso em 04 de julho de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em 06 de abril de 2024.

JORNALISTAS&CIA. **98% dos jornalistas negros apontam dificuldades para desenvolver carreira, diz estudo.** Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/98-dos-jornalistas-negros-apontam-dificuldades-para-desenvolver-carreira-diz-estudo>. Acesso em 06 de abril de 2024.

MUNDO NEGRO. **Jornalista Luciana Barreto é nova editora-chefe e apresentadora do Repórter Brasil Tarde, na TV Brasil.** Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/jornalista-luciana-barreto-e-nova-editora-chefe-e-apresentadora-do-reporter-brasil-tarde-na-tv-brasil/>. Acesso em 28 de maio de 2024.

O GLOBO. **Proporção de universitários negros cai pela primeira vez desde 2016.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/06/proporcao-de-universitarios-negros-cai-pela-primeira-vez-desde-2016.ghtml>. Acesso em 04 de julho de 2024.

O VALE. **População que se declara preta cresce 50% no Vale do Paraíba, aponta IBGE.** Disponível em: <https://sampi.net.br/ovale/noticias/2806776/vale-do-paraiba/2023/12/populacao-que-se-declara-preta-cresce-50-no-vale-do-paraiba-aponta-ibge>. Acesso em 04 de junho de 2024.

OLHAR DIGITAL. **Quais são os canais mais assistidos da TV fechada? Veja a lista.** Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/03/16/cinema-e-streaming/canais-tv-fechada-mais-vistos-do-brasil/>. Acesso em 20 de abril de 2024.

PLANETA TV. **Veja o ranking de ibope da TV aberta em janeiro.** Disponível em: <https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/audiencia-da-tv/veja-o-ranking-de-ibope-da-tv-aberta-em-janeiro.html>. Acesso em 20 de abril de 2024.

PORTAL DA COMUNICAÇÃO. **Jornalistas negros (as) continuam minorias nos meios de comunicação.** Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/04/jornalistas-negros-as-continuam-minorias-nos-meios-de-comunicacao/>. Acesso em 21 de abril de 2024.

RIBEIRO, Glaucy Meyre de Oliveira. **Democracia racial e telejornalismo: O negro no mercado de trabalho audiovisual.** Juiz de Fora: UFJF. 2004.